

## PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS

**Autores:** LAILA THAMIRES GOMES SANTANA, DÉBORA MAYRA DE FREITAS VELOSO, JAQUELINE TEIXEIRA TELES GONÇALVES, EZEQUIEL CÁSSIO GUSMÃO, LANUZA BORGES OLIVEIRA, JOÃO MARCUS OLIVEIRA ANDRADE, LUÇANDRA RAMOS ESPIRITO SANTO,

### Introdução

A automedicação é um fenômeno potencialmente nocivo à saúde uma vez que nenhum medicamento é inócuo ao organismo. O uso indevido de medicamentos considerados “inofensivos” pode acarretar consequências como resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo, sintomas de retirada e aumentar o risco para neoplasias, hemorragia cerebral devido à combinação de um anticoagulante com um simples analgésico. Além disso, o alívio momentâneo dos sintomas pode encobrir a doença de base que passa despercebida e pode, assim, progredir (WHO, 1998).

No Brasil, onde o acesso à assistência médica pública é difícil e onde há uma grande parcela da sociedade na faixa da pobreza que não tem condições financeiras para pagar um plano de saúde, a prática da automedicação torna-se bastante comum. Mas somente o fator financeiro não basta para explicar a prática da automedicação. Fatores como escolaridade, classe social, acesso às informações a respeito dos medicamentos e, principalmente, o fator cultural também entram nesse contexto (NASCIMENTO, 2005).

Associado à automedicação está o uso comum de uma farmácia doméstica que significa a estocagem de medicamentos nas residências. O estoque doméstico de medicamentos apresenta vários riscos, entre eles há o problema intrínseco da facilidade de acesso a medicamentos sem orientação médica e as condições de armazenamento, que podem comprometer a eficácia do medicamento. Os medicamentos devem ser guardados em local arejado e seguro, sem exposição à luz, calor ou umidade, em sua embalagem original, identificados pelo nome comercial ou genérico e princípio ativo e com data de validade e lote, o que nem sempre ocorre (MASTROIANNI, et al, 2011).

Conforme Schenkel et al (2005) outra preocupação com a estocagem de medicamentos em residências diz respeito ao local de armazenamento, pois existe um paradoxo neste quesito. A guarda de medicamentos é recomendada em locais seguros e fora do alcance das crianças, sendo de preferência em um armário próprio ou uma caixa fechada. No entanto, em residências com pessoas em uso contínuo de medicamentos, como pessoas idosas, é estratégia para auxiliar a adesão que a medicação esteja em local diferente do anterior e de preferência visível, podendo ocorrer intoxicação por ingestão incorreta ou abuso de medicamentos.

### Material e métodos

O presente estudo tem desenho transversal, descritivo, realizado com idosos atendidos em drogaria de rede privada na cidade de Montes Claros que aceitaram participar da pesquisa. Para este estudo, foi utilizado como instrumento de coleta de dados uma entrevista com questões que abordam dados socioeconômicos, idade, escolaridade, relação dos principais fármacos estocados, as condições de armazenamento, frequência da utilização de medicamentos. Foram realizadas 241 entrevistas com os idosos que aceitaram participar da pesquisa. A coleta de dados ocorreu de forma aleatória, em ambiente que manteve o sigilo na entrevista com o idoso, procurando deixá-lo em posição confortável de preferência sentado para responder as perguntas elencadas.

O presente projeto está em conformidade com os princípios éticos definidos pelo Conselho Nacional de Saúde através da resolução 466/12 para realização de pesquisa em seres humanos. Todos os sujeitos abordados foram inicialmente informados quanto à identificação dos entrevistadores, os objetivos da pesquisa, da não obrigatoriedade de participação e a possibilidade de abandono a qualquer momento. Todos que participarem desse estudo assinarão o termo de consentimento livre e esclarecido. O projeto apresenta parecer favorável número 1.571.501/2016 pelo comitê de ética em pesquisa da Unimontes. Aprovado pelo Conselho de Ensino, pesquisa e Extensão- Resolução 132-CEPEX.



## Resultados e discussão

A partir da estratégia definida, foram realizadas 241 entrevistas em drogaria de rede privada. Os resultados demonstraram que a automedicação é uma prática comum entre idosos, tornando-se um relevante problema de saúde pública. Dentre os entrevistados, um total de 107 (44,4%) possui entre 60 a 69 anos de idade e consome medicamentos por conta própria (Fig. 1). Por outro lado, foi verificado que os entrevistados com idade mais avançada, entre 80-89 anos, 17(7%) são os que menos optam por automedicação, ou seja, grande parte dos entrevistados acaba se expondo aos riscos das intoxicações, efeitos adversos e baixa efetividade da terapêutica ao prescindirem das orientações do profissional de saúde habilitado para prescrever a terapêutica ideal para aliviar sintomas e sinais ou tratar a doença conforme mostrado pela figura 2.

Com relação a qual medicamento mais comum entre as medicações usadas, os anti-hipertensivos e anti-inflamatórios formam as classes terapêuticas mais utilizadas. Tal constatação reforça a ideia que, apesar da hipertensão arterial ser uma comorbidade comum entre as patologias crônicas das faixas etárias mais elevadas, o uso de outras drogas é uma realidade que demonstra o risco que essas pessoas estão sujeitas ao optarem por realizar o próprio tratamento. Esse é um grande desafio da atualidade, pois percebe-se que medidas educativas não são suficientes para deter o elevado consumo (CARMO et al., 2013).

A análise dos dados mostrou ainda que os riscos sejam maiores, já que 160 (66%) do total de idosos não confere prazo de validade dos fármacos e não possuem monitoração (97%) nas tomadas das doses, comprometendo dessa forma os resultados terapêuticos que seriam obtidos.

Além disso, as inadequações se estendem as formas de armazenamento e descarte. O quarto foi o principal local de armazenamento, mas muitos relataram que o banheiro também é uma opção. Dessa forma, evidencia-se a incoerência e a exposição do medicamento as más condições que acabam comprometendo os princípios farmacológicos das drogas e colocam em risco a vida dos usuários somado a continuidade do ciclo vicioso da automedicação. Ao mesmo tempo, ao descartarem em lixo comum, colocam em risco a vida de outras pessoas que podem ingerir tais drogas por terem fácil acesso a elas, como crianças, já que muitos idosos optam por deixar o medicamento à vista para evitar esquecimento de doses, por exemplo. Além disso, o descarte inadequado coloca em risco várias espécies aquáticas e contamina também os lençóis freáticos, por meio de magnificação trófica, resistência bacteriana, alterações hormonais por medicamentos como anticoncepcionais. O maior mal é que a grande maioria da população não tem o conhecimento das consequências ambientais e nem das consequências à saúde pública que o descarte incorreto de medicamentos pode acarretar (MEDEIROS et al., 2014).

## Conclusão/Conclusões/Considerações finais

Conclui-se que a automedicação é problema de saúde pública brasileira presente entre os idosos. Diante disso, faz-se necessária constante atenção e orientação para essa população estudada, já que devido às próprias alterações que estão sujeitas com decorrer da idade, tais indivíduos estão expostos aos riscos dessa prática comum, como, por exemplo, intoxicações e possíveis internações.

## Agradecimentos

## À Unimontes pelo incentivo a iniciação científica através do Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária – ICV - UNIMONTES

### Referências bibliográficas

- AQUINO, D.S. da. **Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade**. *Ciência e Saúde Coletiva*, 13 (supl. 1), p. 733-736, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63009720>. Acesso em agosto 2014.
- ARRAIS, P.S.D. **Perfil da automedicação no Brasil**. *Revista Saúde Pública*, vol.31(1), p.71-7, 1997.
- FREITAS, K. **Prevalência de Automedicação na população do município de Fraiburgo (SC)**. *Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde*, V.1 (1), p. 38-58, 2012.
- FILHO, A. I. L. **Prevalência e fatores associados à automedicação: Resultados do projeto Bambuí**. *Revista de Saúde Pública*. Vol.36(1), p.55-62, 2002.
- MASTROIANNI, P.C *et al*. **Estoque doméstico e uso de medicamentos em uma população cadastrada na estratégia saúde da família no Brasil**. *Rev Panam Salud Publica* [online]. Vol.29(5), p.358-64, 2011. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v29n5/a09v29n5.pdf>. Acesso em agosto de 2014.
- MORAIS, J. **A medicina doente**. *Isto é*, São Paulo, Vol.15(5), p.48-58, 2001.
- NASCIMENTO, D. M. **Estudo do perfil da automedicação nas diferentes classes sociais na cidade de Anápolis-Goiás**. 2005. Disponível em: [http://www.prp.ueg.br/06v1/conteudo/pesquisa/inicci/en/2005/arquivos/saude/estudo\\_perfil.pdf](http://www.prp.ueg.br/06v1/conteudo/pesquisa/inicci/en/2005/arquivos/saude/estudo_perfil.pdf). Acesso em Julho/2014.
- SCHENKENL, E. P. *et al*. **Como são armazenados os medicamentos nos domicílios**. *Acta Farmaceutica Bonaerense*, Vol. 24 (2), 2005.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The role of the pharmacist in selfmedication and self-care**. *International Journal of Clinical Pharmacy*, Vol.36(2), p 412-419, 2014.
- MEDEIROS, M.S.G.; MOREIRA, L.M.F.; LOPES, C.C.G.O. **Descarte de medicamentos: programas de recolhimento e novos desafios**. *Rev. Ciên. Farm. Básica Apl*, v. 35, n. 4, p. 651-662, 2014.

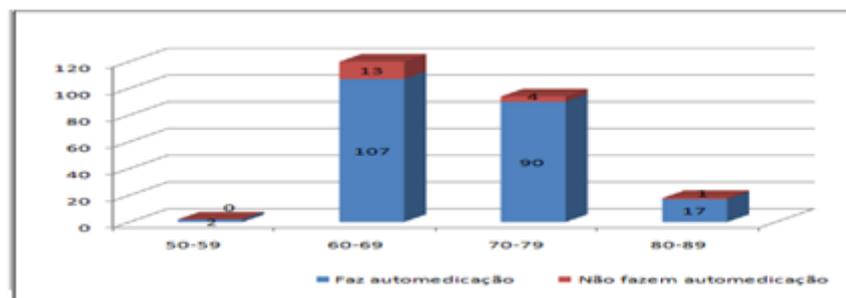


Figura 1: Distribuição dos idosos entrevistados segundo faixa etária e automedicação no município de Montes Claros, MG.

Realização:



SECRETARIA DE  
DESENVOLVIMENTO  
CIENTÍFICO, TECNOLÓGICO  
E INOVAÇÃO SUPERIOR



Apoio:

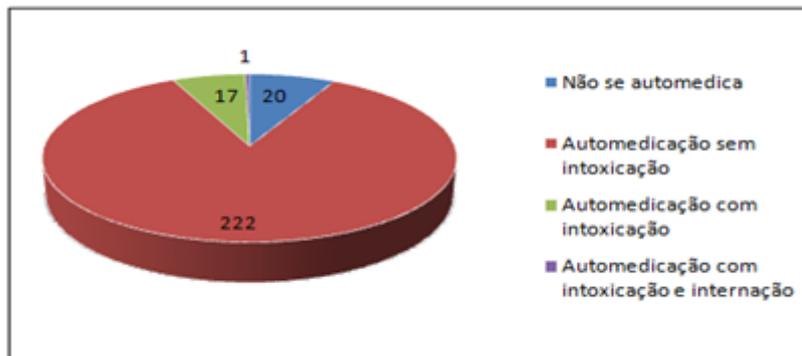
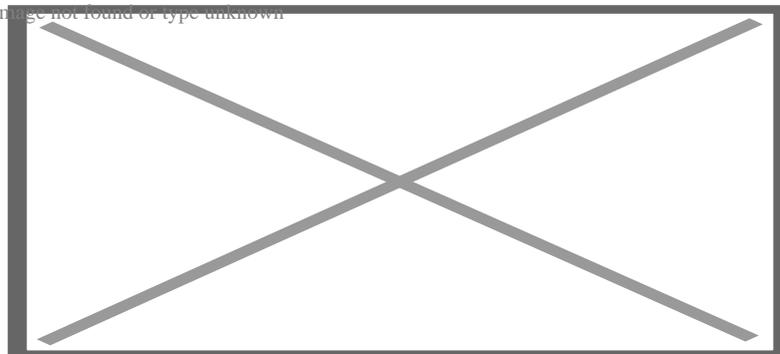


Image not found or type unknown



**Figura 2:** Distribuição dos pacientes conforme automedicação, intoxicação e internação.